

### III COLÓQUIO SOBRE HISTÓRIA DE LEIRIA E DA SUA REGIÃO

29-30 de Novembro de 1996

#### Resumo da comunicação de Cristina Nobre

(Professora Adjunta da área de Português  
da Escola Superior de Educação  
do Instituto Politécnico de Leiria)

#### O "ESPÍRITO LITERÁRIO" DA CASA DE S. PEDRO

Partindo de um conjunto de cartas e postais escritos por Afonso Lopes Vieira e dirigidos ao casal de actores Augusto e Leonor Rosa, e de alguns poemas inéditos de Afonso Lopes Vieira, material do espólio da Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, pretende dar-se a ler a maneira como a vida literária e artística da Casa de S. Pedro (actual Colónia Balnear Dr. Afonso Lopes Vieira), em S. Pedro de Moel, se desenvolveu, sobretudo durante o período de tempo que envolve essa Correspondência (1911-1938).

#### *O "ESPÍRITO LITERÁRIO" DA CASA DE S. PEDRO*

Cristina Nobre

**(O mar canta com tal força q. me parece q. estou dentro de um buzio...)**  
Carta com carimbo do correio de 24 de Agosto de 1916.

**Penso às vezes como depois de eu morto certos objectos do meu uso não-  
de chorar por mim. Essas saudades dêles comovem-me de verdade [...] e  
sinto até já saudades minhas...**  
Apontamento manuscrito por ALV

[...] E tinha uma paixão que toda a gente lhe conhecia: os búzios e as conchas marinhas, as formas das algas e dos barcos, enfim, tudo que se relacionasse com o mar! Antigamente, nós vivíamos seis meses no estrangeiro e seis meses em S. Pedro de Moel, frente ao mar. Lá, na sua varanda de onde só se via o azul, é que ele escrevia... Às vezes começava aqui os seus trabalhos, nesta sala onde estamos, que era a biblioteca. Sentava-se naquela cadeira, e tomava os seus apontamentos sobre uma tabuinha dourada; mas era depois, em S. Pedro de Moel, na varanda da casa, que refundia tudo e acabava as suas obras. Até na sua devoção religiosa ele tinha uma paixão do mar: na capela de Nossa Senhora de Fátima que construiu junto à nossa casa, e que me ofereceu, havia uma rosácea aberta na parede, atrás do altar; e quando o padre que dizia missa elevava ao Senhor, via através dessa rosácea toda a amplidão do céu e do mar. [...]

Entrev. dada por Helena Aboim Lopes Vieira à revista *Eva*, no ano de 1955.

Com estas palavras de Afonso Lopes Vieira [ALV], e com esta imagem da Casa ainda a fazer-se [diapositivo nº1], entramos directamente num universo que pretendo hoje evocar, e é um mundo marítimo, na orla entre a terra e o mar, zona de confluências que deixa ouvir a música das palavras poéticas.

Com as duas revelações anteriores, uma do próprio ALV, e outra da sua viúva, Helena Aboim Lopes Vieira, entramos naquilo a que eu chamei, um pouco aleatoriamente, reconheço-o, o "espírito literário" da Casa de S. Pedro, em S. Pedro de Moel, herdada pelo poeta ALV como prenda do seu casamento em 20 de Abril de 1902. Por "espírito literário" entendo uma realidade dinâmica e invisível, misteriosa, que liga a casa de S. Pedro às diversas realizações artísticas, sobretudo à literatura. O elo de ligação desse "espírito literário" terá sido, em vida, o poeta ALV, elo esse que, como não sei entrar pela via das ciências ocultas, ou do mais vulgar espiritismo<sup>1</sup>, me parece estar hoje quase abandonado. ALV sentiu saudades de si mesmo por antecipação, e é bem verdade que hoje quase só os objectos choram por ele. Da sua companheira de uma vida fica-nos a certeza da paixão poética por uma casa que era uma "nau", ancorada na praia, paixão essa que ficou inevitavelmente ligada à criação poética, daquele que foi um dos grandes nomes da literatura da região de Leiria.

Ora, o meu interesse pessoal por este tema, um pouco insólito, deve-se não só à investigação em curso sobre o poeta ALV, mas também ao facto de ser residente em S. Pedro de Moel e de sentir diariamente a presença de uma casa, hoje Colónia Balnear da Câmara Municipal da Marinha Grande, com potencialidades para desempenhar um papel simultaneamente formativo, educativo e cultural, na divulgação da obra deste ou doutros artistas da região. Não questiono, aqui, o que a casa é, pois cumpre, nas suas grandes linhas, as próprias aspirações do poeta, mas lamento que as suas potencialidades sejam em grande parte desaproveitadas, pelo menos no que diz respeito à sua integração numa comunidade cultural mais alargada.

Como julgo que a lamentação é uma atitude pouco construtiva, nada dinâmica e tendencialmente pouco saudável para os tempos que correm, resolvi agir literariamente, segundo o meu saber-fazer e pôr em comum aquilo que na minha investigação veio transbordando sobre este tema, durante o tempo em que a casa esteve viva literariamente, isto é, durante as estadias do poeta, nos períodos de convívio com individualidades da época, e na solidão da criação literária. Grande parte do material que reuni foi retirado da Correspondência que ALV mantinha com dois dos seus grandes amigos, o casal de actores Augusto e Leonor Rosa. Trata-se de um conjunto de correspondência inédita (cartas e postais) de ALV para o casal, entre 1911 e 1938, tendo como destinatário privilegiado Leonor Rosa (sobretudo depois da morte do marido, que ocorreu a 2 de Maio de 1918), que

---

<sup>1</sup> Num manuscrito do espólio da BML (n.º 6811, env. B, n.º 39), pode ler-se o seguinte apontamento de ALV: "— O espiritismo é uma superstição científica."

esta ilustre senhora legou à Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira. Outras informações vieram de apontamentos inéditos do próprio ALV, manuscritos em folhas de apontamentos que ficaram perdidas no seu espólio, e que tive a sorte de manusear durante as minhas pesquisas.

Essas informações encaminham-se para duas áreas distintas: uma que toma a casa como lugar de criação literária, e outra que transforma a própria casa numa criação simbólica, como se o local se tivesse também transformado em obra literária, a tal ponto que me parece se devia considerar esta casa como mais uma das obras do poeta, talvez a mais difícil de catalogar, quero dizer, de tratar de modo a poder ser lida e relida por todos.

Na verdade, quando olhamos para a Casa (como na imagem), depressa percebemos que o seu coração será a varanda, lugar de abertura ao elemento marítimo, espaço de transição entre a terra e o mar, onde ALV passará a maior parte do seu tempo, seja ele de escrita, de contemplação ou de depressão. Seja como for, a varanda aparece como local propício à criação. O poeta estende-se no seu divã, e, fumando, dorme ou sonha, dois estados de semi-consciência que levam à criação poética:

**Num divan, q. é o seu Limbo,  
elle fuma, e escuta o Mar...  
Não lhe tirem o cachimbo,  
e deixem-no dormir, talvez sonhar!  
Affonso / Julho 1912.**

Na capa deste postal [acetato nº1], dirigido a Augusto Rosa, aparece uma fotografia de ALV, deitado no divan com o cachimbo, e a seguinte legenda<sup>2</sup>:

**Vera effigie d'um poeta tragicó-marítimo cahido em perpetua rêverie, e por elle enviada ao querido amigo Augusto Rosa.**

A Casa de S. Pedro vai dar-se a ler como o local por excelência do sonho, ou da melancolia, que conduzem à literatura. E, por Literatura, entendemos não só a obra publicada de ALV, mas também a obra resultante da sua actividade como organizador de sessões culturais. A preparação dos serões de arte de Alcobaça era feita em S. Pedro de Moel, como o provam várias missivas de ALV, e o gosto que nelas demonstra pela sua realização, escolhendo previamente as obras e os trechos a serem utilizados:

**[...] Envio hoje registado o meu exemplar da *Castro*, q. ha mtº. tempo não relia e q. fiquei admirando agora como uma obra muito bela, entre o melhor q. temos em nossas letras.**

**O trecho q. proponho começa a pag. 232 — no verso — *Ó triste nova, triste mensajeiro* — até ao fim da tragédia. Veremos se o Augusto terá appetite de leitura. Na cópia podem ser emendadas certas elipses escusadas como *s'ouça* e outras. O serão está marcado para a noite de 17 e portanto é preciso q. V. V. Ex<sup>as</sup>. fixem o dia da sua partida para aqui, onde virão esperar aquela bela noite. O programa está organizado e é musicalmente belo e em tudo superior.**

**Falta fixar a 1ª. leitura, pelo q. espero resposta.[...]**

(Postal com carimbo do correio de Julho de 1913)

---

<sup>2</sup> Seria interessante cf. com a canção 5 — "Imóvel, ao comprido, e ausente" do *Cancioneiro: Novas canções de Saudade e Amor* apud *Os versos de Afonso Lopes Vieira*, 1927, pp. 274-5.

É de assinalar a preocupação filológica com a língua, que nunca o abandonou, a preocupação esteticizante, bem como a interpenetração entre a literatura e a música, que é uma característica maior da sua poética. Na casa de S. Pedro de Moel ALV, como um general no seu quartel estratégico, desenhava um programa cultural, organizava-o, acolhia os convidados-artistas de honra, e tratava das questões editoriais ligadas a cada evento. Só essa materialização posterior do programa, onde se incluíam os recortes dos jornais da época que referissem o evento<sup>3</sup>, consegue colmatar o período de melancolia e solidão, a roçar a depressão ( não por acaso associada ao Outono), que se segue aos grandes acontecimentos culturais:

**[...] Nós, após o sonho da noite de 17, continuámos a nossa vida entretida, isolada e mesmo um pouco mística.**

**Aquilo foi com efeito um sonho, q. me admira já se haja assim realizado!**

**[...] Mas q. saudades do sonho daquela noite! Espero q. gostassem dos jornaes da vila — menineiros e bem impressos — onde o Augusto é tratado como merece — e com amizade, porq. ficaram amigos delle. E não está lindo o exemplar rico do soneto, de q. só se tiraram cinco? Emfim, temos mtº. q. conversar — mas aqui. [...]**

(Postal com carimbo do correio de 27 de Agosto de 1913)

No postal que se segue a este, com carimbo de 2 de Setembro de 1913, numa 4ª. feira, com "mar de prata", ALV confessa:

**[...] A mim esta passagem para os grandes ouros e grandes purpuras do Outono faz-me sempre uma certa melancolia, uma gravidade religiosa, com saudades dos grandes dias brancos e rosados do Verão. Portugal é o país do Outono, q. é, como eu digo num verso — a linda festa da melancolia — Após Alcobaça tenho sentido um vazio como nos deixam sempre aqueles sonhos q. se realizaram. É este talvez o inconveniente de realizar sonhos. Na próxima *Ilustração* virá um artigo com fotografias, e veremos se consegue não desmanchar a nossa recordação.**

**Devo ter a conf. impressa qdº. regressarmos ahí e nella incluo o Soneto. No principio do anno deve sair a *Campanha Vicentina*, onde virá o Diabo da Barca. E depois quero ver se passo um Inverno mtº. metido comigo, e só com os bons Amigos, sem festas nem conferencias nem teatro. [...]**

Este desejo de recolhimento, que faz dele um dos grandes ermitas da literatura do início do século XX, acabava sempre por ser vencido pelo homem social e de acção que também foi, activíssimo na realização de eventos culturais e na sua propaganda, pois pressentia que a relação com o público é talvez a razão mais importante da vida de um "homem literário", a quem nunca faltaram os dotes pedagógicos.

Mas a Casa é, também, vista como um óptimo lugar de recolhimento, com propriedades que a qualificam de "sanatório", e que a tornam recomendável para as suas próprias crises depressivas e para os amigos necessitados de uma convalescença. Assim, em carta de 26 de Junho de 1916, escreve:

**[...] Não, não devemos maçar o Dr. Moreira com certas vagas astenias de q. egoistamente falo. Confio no tratamento da contemplação — a contemploterapia, q. é fácil fazer neste lugar. E confio tambem na mhª. vontade. [...]**

---

<sup>3</sup> Esses recortes eram guardados religiosamente, como o provam os muitos exemplos encontrados no seu espólio, mas também a organização dos dois grossos volumes, a que deu o nome de *Remembrandças*, e que se encontra na BML.

Essas propriedades "curativas" ou "profiláticas" da Casa estão associadas à vida cultural, em cuja organização ALV se sente orgulhoso. Veja-se o que diz a Leonor Rosa, em carta do ano seguinte, datada de 21 de Julho de 1914:

[...] É claro q. nunca me passou pela cabeça q. não viesse este ano aqui, e conhece já bem estas minhas fés serenas, um pouco místicas talvez na sua calma teimosa e contida. Mas em todo o caso alegrou-nos mtº. q. fosse a propria medicina — e q. inteligente é a medicina quando faz assim! — q. se lembrasse de esta afectuosa Casa de S. Pedro, julgando-a superior aos sanatorios mais longinquos — porq. afinal um pouco sanatorio ela é — q. o Moreira, — de certo clinicamente com muita distinção mas talvez psicologicamente um tanto ao acaso, — preconizava.

Quanto à ocasião [...], devia ser, como já lembrei, em Agosto, aproveitando o serão em Alcobaça, como me parece natural, porq. também me não consolaria q. V. E. não assistisse ainda este ano sem haver razão de peso para isso, desde q. eu disponha as cousas todas com metodo, com o metodo superior q. emprego *religiosamente* nas cousas a q. me dedico e amo, e só nessas.

[...] Repito q. acharia mtº. triste q. se privasse de assistir ao Serão, cuja *grandeza*, pelos nomes dos q. o realizam naquele lugar, me parece mesmo *inedita*. [...] O q. preciso é saber com antecedencia o q. resolvem para ter tudo organizado com aquela precisão q. eu amo, e q., a falharem por acaso as cousas, nos não deixa sofrer remorsos.

[...] Espero pois a resposta, minha querida senhora.

Eu não penso senão em 12 de Agosto!

Tenho uma correspondencia enorme e ha sempre cousas novas a tratar. O drama dos quartos nos hotéis é uma das questões não direi mais artisticas mas de certo mais proprias para preocupar. Tenho o programa completo, e é admiravel. Este ano chamo *Serão de Arte* porq. o *literario* ali tinha um ar um pouco pelintra, não é verdade? [...]

Esta carta dá-nos bem a dimensão de homem activo, que ALV foi, e os exemplos podiam multiplicar-se, até nesta breve correspondência, onde longamente se trata de um Concerto do Orfeon de Condeixa, minuciosamente organizado no parque das Caldas da Rainha, em Setembro de 1915, a propósito do qual é possível ler-se toda a preocupação e capacidade organizativa, onde se incluía a mobilização de amigos comuns, que ALV punha ao serviço das causas a que se dedicava e amava "e só nessas".

Uma outra vertente interessante diz respeito às recomendações de leitura que faz a Leonor e Augusto Rosa, e onde o elemento marítimo acaba por ser uma constante. As recomendações mesclam-se com a própria descrição da paisagem que se avista da varanda da Casa e com os gostos do anfitrião. Assim, numa carta não datada, mas que deve ser de Julho ou Agosto de 1915<sup>4</sup>, ALV concluiu a sua missiva:

[...] Estou escrevendo ás 2 horas da noite, com um luar fabuloso q. me não deixa deitar nem pensar em dormir. Tenho a varanda toda aberta e vejo de aqui o mar iluminado, mansissimo. Cada vez gosto mais do mar. [...]

P. S. A Senhora D. Leonor não leu ainda a *Historia Tragico-Marítima*? É um livro supremo na nossa literatura, e q. não tem igual em nenhuma. Ha uma edição moderna. Como isso é vivido, dramático, divertido, horripilante!...

Se o luar teve alguma influência nesta recomendação da *História Trágico-Marítima*, não o poderemos já determinar, mas é interessante notar como transparece um certo simbolismo romântico nesta apreciação do luar, que impossibilita o estado do sono, a que aspira noutras circunstâncias, mas que faz viajar, pelo menos no passado da literatura portuguesa.

---

<sup>4</sup> Uma vez que há aí referências ao Concerto do Orfeon de Condeixa.

Em carta de 2 de Julho de 1915, comenta:

**[...] Alegra-me q. V. E. leia os Autos Castelhanos de Gil Vte. Entre eles está a *Barca da Gloria*, talvez a sua suprema obra, o gigantesco poema sacro, q. eu hei de pôr ainda em linguagem nossa, para meu prazer. A *Castro*, cada vez a amo mais e lhe descubro maior beleza: é, realmente, uma maravilha. [...]**

A relação entre as leituras feitas ou recomendadas e a sua própria escrita sobressai óbvia destes excertos — demonstrando bem que a relação de intertextualidade foi provavelmente a fonte de criação mais característica da poética de ALV, que se posiciona sempre como o primeiro a usufruir desse labor literário. De algum modo ele é o esteta de si mesmo, de quem emana o labor e o gozo estético, peça fulcral num xadrez literato que se jogou em abundância na Casa de S. Pedro.

As referências a leituras, sobretudo de Clássicos, são abundantes nesta correspondência, o que nos mostra à saciedade a formação clássica e filológica, que lhe permitia com tanta segurança criticar e desprezar todos os que não escreviam na sua língua com elegância e propriedade:

**[...] E digo isto não porq. eu me considere mais q. um aluno dos Classicos, q. todos os dias estudo, sem brilhante proveito infelizmente. Quasi todos os escritores portugueses ignoram vergonhosamente a nossa linguagem — mesmo os q. escrevem bibliotecas. [...]**  
(Carta sem data e sem carimbo de correio);

**[...] Folhee hoje alguns classicos — Bernardes, — um Mozart do misticismo, — e descobri em Lucena uma expressão linda, q. desconhecia — *mulher alumiada* (q. deu á luz). Q. belo contraste com a *délivrance* dos franceses, usada nos diários mundanos! *Délivrance*, como quem diz — livre da maçada!...**  
(Carta de 26 de Junho de 1916);

**[...] Cada vez sinto maior horror pelas más criações dos q. escrevem. [...]**  
(Carta com carimbo de 24 de Agosto de 1916)

Outra referência literariamente importante, é a que diz respeito ao próprio labor literário de ALV, ao ritmo desse processo de trabalho, e aos projectos para o futuro. O móbil é o interesse da leitora e amiga, curiosa, que pede pormenores ao poeta. Na carta já citada de 2 de Julho de 1915, faz referência a um projecto conjunto com Matilde Bensaúde, de nome *Mar piqueno* ou *Flores do Mar*, obra que nunca chegou à luz do dia, e que seria algo parecido com um pequeno manual poético de biologia, tendo como temática abrangente o mar. A sua lista de obras para a infância teria certamente a ganhar com este novo tipo, que distinguiria ALV na sua vertente pedagógica e didáctica:

**[...] De mim, nada de interessante para contar. Tenho lido alguma cousa — relido. Mas não adquirei ainda o ritmo necessario para estar bem aqui, a bordo. — Quando estarei ritmado? Sabe-se lá! — Brevemente chega aqui Matilde Bensaude, q. vem trabalhar comigo num livrinho de historia natural p<sup>a</sup>. crianças — o *Mar piqueno* (uma poça de agua do mar.) Mas estou tam pouco treinado! [...]**

Já em 18 de Junho de 1915 se referia a esse projecto, juntamente com outro, o volume dos Autos de Gil Vicente, que será publicado em Abril de 1916 pela editora da "Renascença Portuguesa":

[...] De resto as minhas projectadas obras estão longe de deixarem o seu actual estado de projectos. — Só para não recusar duramente uma proposta amavel q. me fizeram do Porto, estou organizando um volume de Autos de Gil Vicente, escolhidos e prefaciados por mim. [...]

[...] Quanto ao *Mar piqueno* q. eu quero q. se chame antes *Flores do Mar* (o q. a minha colaboradora, por espirito scientifico, não aceitou ainda inteiramente), vai caminhando bem, tendo eu apenas notas tomadas, para trabalhar depois repousadamente, porq. o livro não sahirá senão para a Pascoa. Póde e deve ser uma obrzinha mt<sup>o</sup>. original e cheia de poesia da natureza. Todos os dias Matilde B. me lê algum esboço de capitulo, feito ou refeito no eirado, antes do almoço, à sombra do guarda-sol azul. À noite fazemos leituras e tem estado na moda o doce Padre Manuel Bernardes, esse Mozart do misticismo, e a *Historia Tragico-Maritima*. — Quanto ao belo projecto da leitura da *Barca da Gloria em oratoria*, é belo com efeito — e como se ha de viver sem projectos belos? [...]

Às vezes esses projectos ganham vida e têm uma espécie de pré-publicação junto dos amigos queridos, o que não deixa de ser uma maneira de os presentear pelo seu interesse constante, e por uma presença que também acaba por ser um incentivo para a escrita:

[...] Compus ha dias um piqueno *lied* outonal, onde ha esta quadra melancolica: — Outono da minha idade — com rosto de Primavera. — Minh'alma branca de cera — é o roussinol da saudade... — É esta a minha musica actual, pelo menos a mais *interior*. [...]  
(Carta com carimbo de 15 de Setembro de 1916)

Ou então, a criação surge espontânea e ingénua, para presentear os amigos. E é sempre a mesma moldura marítima que envolve e dá corpo a esse "espírito literário":

[...] Estou escrevendo antes do almoço, diante de um mar de cauda de pavão e com uma brisa do N. q. me faz lembrar o q. da brisa disse um poeta italiano — q. ela enrola o nosso pescoço os seus braços nus e penugentos. Aproveito esta impressão de graciosa frescura para terminar, endereçando especialmente ao Augusto estas quadras:

Cá do seu búzio o tritão	E mais manda de esta terra,
q. vai ser in [papel rasgado]	q. é mar, saudades sem fim
manda um abraço cordial	às ninfas do bosque e serra
ao belo poeta sintrão.	e ao colega Bernardim. [...]

(Carta com carimbo de 13 de Agosto de 1915)

Serões literários, escrita em curso, projectos em execução e em elaboração, um pouco de tudo isto animava o "espírito" da Casa. Daí que as "largadas" para Lisboa tenham um certo resquício de tristeza e decepção, sobretudo se comparadas com a plenitude do Verão:

[...] Aqui o Outono anunciou-se bravo e aspero, açoitando o nosso navio. Por mim, estou na fase horizontal, no ciclo do limbo. Escrevi alguns versos, mas voltei depressa à nirvânica atitude em q. meu vulto têm. Estes finais de temporada, em q. a casa reentra nas gavetas, são tristes. [...] Neste momento o mar está batendo com força no paredão e a praia está cheia de espuma. De bordo pois lhes envio as afectuosas e saudosas lembranças nossas [...]

(Carta datada de 11 de Outubro de 1915);

[...] Neste momento começa a chover. É o anuncio das tormentas q. nos esperam, à Helena e a mim, nos dias misticos q. vamos viver. Será uma cura de melancolia e de penitencia com o Mar. Assim como na *Historia Tragico-Maritima* se diz q. amanhecemos sem mastros, nós uma bela manhan acordaremos sem telhado. [...]

(Carta com carimbo de 16 de Outubro de 1916)

Com a chegada de um novo Verão, novos projectos se avizinham, com as dúvidas quanto à sua realização efectiva. Como o mundo, que sofre as convulsões da guerra de 14-18, também ALV questiona o seu compromisso com a literatura:

[...] Tenho projectos de trabalho, mas farei alguma coisa? Duvido. Esta incertesa do mundo perturba-me mt<sup>o</sup>., bem o sabem. Gostaria de escrever *O Romance de Pedro e Inês*, como o de *Tristão e Isolda* — sem erudição aparente, sem notas historicas — o conto contado na sua simplicidade e grandeza goticas. Gostaria de fazer a minha Soror Mariana, tornando-a velha — p<sup>a</sup>. a vingar dos ultrajes recebidos. Gostaria... gostaria q. V. V. E. E. estivessem bem e tivessem saude, como lhes deseja o seu afectuoso, fiel, tragico-marítimo e melancolico amigo. [...]

(Carta datada de 10 de Junho de 1916)

Em carta de 24 de Agosto de 1916 novamente interrogado sobre os seus projectos, acrescenta:

[...] A respeito de obras minhas, sobre as quais a senhora D. Leonor me interroga com tam amigo interesse, direi q. acaricio voluptuosamente os meus projectos — e q. espero. Tristão, a Freira, o Mar, viverão um dia... Quando? Eis o q. eu não sei. Quando eles quiserem viver. Por agora, vivo com as suas sombras e com as minhas infinitas preguiças, feitas de desânimos, de nostalgias, de ansiedades, de saudades, sem saber de quê, de tudo emfim com q. se fabricam as quimeras. [...]

Em 2 de Setembro de 1916, refere-se a um projecto para crianças — uma reescrita da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto —, que chegou a anunciar como para publicação breve, o que nos dá uma ideia de como os seus projectos eram levados a sério, e faziam parte de um plano maior de restituir a tradição cultural de Portugal aos "piquenos" portugueses:

[...] Eu tenho feito uma vida inteiramente recolhida e agora mt<sup>o</sup>. absorvida num plano q. me interessa muitissimo — publicar p<sup>a</sup>. a gente moça os capitulos da *Peregrinacão* de Fernão Mendes Pinto relativos ao Japão, numa edição prefaciada e organizada por mim e ilustrada pelo Raul [Lino]. Para isto tenho lido e relido esse maravilhoso Livro, — unico em todas as literaturas —, e este trabalho de disciplina, de paciencia e de applicação convem muito ao meu estado de espirito, não me deixando cair em nevrose. De resto, considero este projecto mt<sup>o</sup>. interessante como obra de arte e de reconstrução nacional. Este Fernão Mendes, q. Shakespeare, também êle!, acoimou de mentiroso-mór, é na realidade um incomparavel *espectaculo*. Assim passo longas horas na varanda, com o velho livro do singelo e bravo marinheiro, cuja linguagem considero como sendo talvez a mais *saborosa* prosa portuguesa. [...]

Julgamos que algumas das ilustrações para este planeado *Fernão Mendes no Japão*, da autoria de Raul Lino, se encontram no espólio de ALV, e não é de pôr de parte a possibilidade de se encontrar ainda o manuscrito do livro entre os muitos papéis por desbravar.

*A Paixão de Pedro, o Cru*, publicado já no final da vida, em 1940, será talvez o equivalente reformulado deste desejado romance de Pedro e Inês. Isto revela-nos afinal que algumas temáticas, como a do amor, são intemporais e preencheram o imaginário poético de ALV desde sempre. Tristão ficou espalhado por grande parte dos seus poemas. O Mar preencheu a sua obra poética e a sua vida. A planeada *Soror Mariana*, acabou por nunca ser publicada, mas julgamos que o manuscrito que se encontra no espólio com esse mesmo título estava em fase de acabamento, e merece sem dúvida uma publicação que o dê a ler com, pelo menos, 80 anos de atraso. Estamos hoje em condições de dar vida a algumas das quimeras de ALV que, por variadíssimas razões, não viram a luz do dia, e que nos revelam aspectos novos e complementares da sua obra.

Em carta não datada, provavelmente de 1928, comenta:

[...] Estou escrevendo o *Conto de Amadis para os piquenos Portugueses*, o q. encerra dificuldades, mas vencíveis. [...]

Dez anos depois, no Natal de 1938, *O Conto de Amadis de Portugal para os rapazes portugueses*, era dado à estampa pela Livraria Bertrand, com desenhos de Lino António. As crianças e os jovens continuavam a fazer parte dos planos educativos de ALV.

Em 1920 (15 de Agosto), entristecido com a situação do país, que dá razão ao seu pessimismo, escreve:

[...] De Arte, nada conto publicar brevemente. Talvez publique um panfleto q. se chamará talvez *Contra os Mouros* e será um derradeiro apêlo á cavalaria christã para o combate. [...]

A simbologia da Reconquista Cristã continua presente, e embora este panfleto nunca tenha sido publicado, nem tivéssemos dado fé dele entre o seu espólio, a verdade é que alguns dos seus poemas entram nesta temática da necessidade de uma maior purificação espiritual. É o que podemos ver neste poema inédito, intitulado *Cantigas sôbre a Mourama*, encontrado manuscrito numa folha solta, que se encontra no seu espólio [acetato nº2]:

#### I

Por Cristo ergamos nas mãos  
a cruz eterna da Espada!  
terra q. foi de cristãos  
mouros no-la tem roubada!

#### II

Afonso Henriques, à vista  
de Lisboa em mãos de tais:  
— Então eu fiz a conquista  
e vós agora a entregais?

#### III

Mourama brava do Estrondo,  
até êste azul estraga,  
no brando céu sempre pondo  
o estrondo q. o rasga e o chaga!

#### IV

O destino mais cruel,  
mais vergonhoso afinal:  
— o cativo de Argel  
em terra de Portugal!...

Em 1922 (com carimbo de 19 de Dezembro), prepara com cuidado *O Romance de Amadis*, mostrando-se preocupado com a tradução para francês, e, já de Lisboa, escreve a Leonor Rosa sobre o assunto:

[...] O *Amadis* está à espera do Prefacio, q conto vai chegar amanhã ou depois. As impressões da D. C.[arolina Michaelis] são — parece-me — excelentes. E a edição francesa está segura, o que é da maxima importância tambem. A edição ficará bonita e a capa é um achado. [...]

Nunca ALV deixava escapar um pormenor que fosse desde a concepção à edição dos seus livros, pois tudo para ele fazia parte do mesmo sentir literário. Até a recepção literária o preocupava, uma vez que se posicionava como o primeiro leitor das suas obras. Daí talvez a sua injustiça para com os estudos que D. Carolina concluiu para o Prefácio de *Amadis*, e

que ele procurava influenciar como podia. Este é um caso interessante do autor que gostaria de ser o crítico literário da sua própria obra, e, na impossibilidade de o fazer, recorre a artimanhas subtis com os estudiosos, que nem sempre dão resultado:

**[...] No ultimo nº. da Nação Portuguesa (nº. 9) vem um estudo muitissimo interessante àcêrca do Amadis. Evidencia até um elemento q. (aqui p.º nós) não foi suficientemente destacado no Prefacio, e o qual eu sugeri como pude (sem carregar) a pag. 52. [...]**

Num postal não datado, e com um carimbo de correio ilegível, dá notícias da sua nova obra — *A Diana de Jorge de Montemor* — que sairá em 1924, na Sociedade editora Portugal-Brasil. Esta disciplina de trabalho era, muitas vezes, o que permitia a ALV uma certa sanidade mental, em tempos que considerava tristes:

**[...] Mas a vida é triste e é heroismo às vezes suportá-la. Levarei pronta a — DIANA — noiva digna do AMADIS. [...]**

Em 1927 (13 de Setembro), depois de uma ausência prolongada de notícias para Leonor Rosa, adivinham-se os longos afazeres de preparação da edição de *Os Lusíadas*, que sairá em Maio de 1928:

**[...] O silêncio é spleen, contemplação do mar, fumo de cachimbo, trabalho camoniano intenso, em-fim: tudo menos esquecimento [...]**

Em postal não datado, e de que o mês de Outubro é a única data legível no carimbo do correio, refere-se ainda a *Os Lusíadas* e ao seu projecto futuro de publicar o *Cantar de Mio Cid*, que sairá em 1929, como uma versão em prosa da gesta castelhana do século XII:

**[...] Apreciei devidamente a rigorosa e completa leitura de Os Lusíadas. [...] Publicarei o Cid em volume para melhor honrar a querida memória de aquela q. tanto estimamos [D. Carolina Michaelis]. Traz um prefácio gentilissimo de Menendez Pidal, o mestre filologo de Espanha, e gentilhomem perfeito. [...]**

Num outro postal não datado, mostra o seu interesse pela figura de Santo António, gérmem que dará o seu fruto em 1932, com a publicação de *Santo António*, na Jornada do centenário:

**[...] Li agora um livro acêrca de Santo Antonio e q. é interessantissimo, como V. E. verá. É uma obra profundamente católica e q. se opõe aos milagres, estudando as biografias primitivas, nas quais com efeito eles não vêm. Este problema é em verdade imensamente difficil. [...]**

Todas as problemáticas existenciais acabavam por servir a ALV de trampolim para a criação literária. Por toda esta vida vivida de modo tão literário, a própria Casa é entendida como um elemento estético onde a literatura vive. Por isso o Camões-mítico, sofredor por Portugal, é escolhido como santo protector da Casa, onde aparece representado num azulejo, com uma coroa de espinhos. A propósito disso, ALV escreve, num postal com carimbo de 5 de Setembro de 1913 [acetato nº3]:

**Não são os louros gregos q. corôam  
Camões, da casa o santo protector;  
São os crueis espinhos q. magôam  
quem canta em Portugal com fé e amor!**

Com Camões e por Camões, toda a Casa se volta literariamente para o Mar, lugar da descoberta da Portugalidade e do encontro com um passado de glória. Daí os arranjos que sofrerá, e de que é dada notícia em carta de 10 de Junho de 1916:

**[...] aqui anda tudo revolido com as obras de reparação da nau [...] A casa teve de presente este ano um painel de azulejos — a Nau Catrineta, com dois versos de romance — e duas sobrepostas também de azulejo, q. enriquecem a varanda, reforçando-lhe o estilo sebastianista. [...]**

Na carta seguinte, de 16 de Junho, especifica ainda mais:

**[...] P. S. Os versos do azulejo da Nau Catrineta são com efeito estes — A mh<sup>a</sup>. alma é só de Deus — e o corpo da água do mar. Está numa parede voltada p<sup>a</sup>. o mar e fica bem assim. As sobrepostas da varanda tem ao centro a Cruz de Cristo e aos lados as esferas. Ficou engraçado e dá uma bonita nota de côr. [...]**

Noutra carta (com carimbo de 24 de Agosto de 1916) chama a atenção para o facto de a gravura, que aparece no seu papel de carta, apresentar agora a bandeira de Cristo, com a qual distinguiu a sua casa e a fez um albergue da Portugalidade [acetato nº4]:

**[...] N. B. Esta gravura é nova; vide bandeira, etc. A. [...]**

Em 1925 (25 de Julho), auto-denominando-se "O Cavaleiro dos Búzios", dá a ver a transformação da sua varanda num altar marítimo, onde até a música é a do mar:

**[...] Acabo de erigir aqui na varanda o altar do Mar, com Camões, História trágico-marítima, um aquário de anémonas e os mais lindos búzios e conchas da minha já vasta colecção (cêrca de 100 búzios diversos). Como complemento do altar, o órgão de búzios, em q. toco frases musicais, de coral, completas, e para q. componho música. O órgão foi afinado pelo Francisco de Lacerda, há um ano. Assim brinca êste velho menino solitário, q. se basta misticamente a si próprio. [...]**

O verdadeiro altar, aquele em que vai mostrar a sua crença e a sua fé em N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. de Fátima, é a Capela, inaugurada em Agosto de 1929, e oferecida a sua esposa. E, tal como a viúva comentará depois, é também aí, nesse espaço religioso, que a mística marítima continuará a ecoar, como revelou em 1930 (25 de Setembro) a Leonor Rosa, num postal que pretende mostrar o conjunto arquitectónico formado pela casa e pela capela:

**Neste mau postal pode V. E. entrever o aspecto em conjunto da casa e capela. Pela rosácea do altar mor o padre vê o mar e o céu ao celebrar a missa. [...]**

A partir daqui não é difícil encontrar postais como este, onde ALV convida os amigos para assistir à missa na sua capela [diapositivo nº 2].

Transformada em símbolo da cultura e da literatura portuguesas, a Casa não podia deixar de ser um ponto de encontro dos escritores e artistas da época. Fizemos já referência a Matilde Bensaúde, e ALV refere-se várias vezes à escrita das *Recordações* de Augusto Rosa, em grande parte feita na varanda poética. Mas outros homens e mulheres de Letras por lá passaram, deixando a sua marca nos objectos que povoam a Casa, e cuja história se enriqueceria com estas alusões. São os casos da escritora Virgínia de Castro e Almeida, das irmãs Rey Colaço, do Dr. José de Figueiredo (com quem ALV descobrirá os famosos "painéis de S. Vicente"), as filhas do amigo arquitecto Raul Lino (em grande parte a maior

motivação para a sua escrita infantil), toda a família Lino, e muitos outros, que ficaram de fora desta pequena janela aberta por esta minúscula amostra da correspondência de ALV:

[...] Temos tido agora a excelente companhia da Virginia de Castro, q. está passando uma semana connosco. Trabalha muito, e na mesma mesa do Augusto — o q. me faz pensar q. essa pobre secretaria é já agora ilustre, um movel com historia! Temos falado mtº. de V. V. E. E. e disse-me como lhe deu gosto saber q. tanto haviam gostado da *Inocente*. Ela trabalha numa novela q. deve ser interessantissima. [...]

(Carta com carimbo de correio de 29 de Julho de 1916);

[...] Está quasi a terminar a estada de estas encantadoras piquenas Rey Colaço, q. eu defini assim: — Alice — uma ironia entoada em roxo, — Maria — uma manhan radiosa entre brumas. Amelia — uma Walkiria q. sorri do proprio heroismo. Imagino q. elas gostaram de cá estar. Partem levando na pele as caricias do Sol e do ar marinho. Hoje chega o nosso mtº. caro José de Figueiredo, q. é possível acompanhe as nossas belas hospedes no regresso a Lisbôa. [...]

(Carta com carimbo do correio de 13 de Agosto de 1915);

[...] A estada das piquenas Linos aqui foi deveras providencial para os meus nervos [...] Felizmente as piquenas estão óptimas e breve voltarão para Sintra, com algumas saudades, não nossas, mas do Mar. [...]

(Carta com carimbo de 19 de Agosto de 1916)

E quando os amigos, ou a família — sobretudo a sogra, D. Maria da Luz Aboim, que lhes fazia sempre companhia uns dias durante o Verão — partem, instala-se de novo o clima propício ao sonho e ao devaneio poético:

[...] Temos connosco a Senhora D. Maria da Luz, cuja companhia encantadora me faz muito bem. Os Linos partiram ontem. Não esperámos ninguém. De sorte q. o poeta tragico-marítimo cairá em irremediavel rêverie, indo de vez em qdº. tomar longos banhos à hora do Sol e deitar-se a secar na areia ardente, pª. recair de novo no divan adorado. Olhará mtº. para o mar sem pensar em nada, lerá um pouco os Classicos mais amados [...].

(Carta com carimbo de 24 de Agosto de 1916).

Mas nem os símbolos fogem às agruras do seu tempo, e esta nau encalhada não pode fugir às tristezas do exterior, a uma guerra que vem pôr em questão grande parte das certezas do arrogante e recém-nascido século XX. Por isso nesta Casa, onde o convívio foi sempre uma chama viva, e a Beleza, a Juventude e Harmonia do universo fizeram esquecer durante alguns anos as tormentas da Vida, também se acolheu o sofrimento causado por uma Guerra que atormentou a sensibilidade do poeta ALV. Na carta de 26 de Junho de 1916 sente já o quanto o sofrimento individual se deve minimizar face à Dor de todos:

[...] De resto, não será feio (como se diz às crianças) queixar-se um homem q. não está na guerra, nem sequer em Tancos, nestes tempos q. vão correndo? [...]

Em Agosto, será ainda mais explícito ao expor as razões mundiais que contribuem para a sua crise pessoal:

[...] os meus nervos, q., no ultimo tempo, tem sofrido muito com as obsessões da guerra, com o horror da nossa epoca, e com a ideia dos sofrimentos q. vão por esse mundo. Muitas vezes chego a imaginar q. o nosso relativo mas comodo descanso, a nossa despreocupação perante a Dor do mundo, tantas horas nossas de indiferença ou de esquecimento pelo sacrificio dos martires, tudo isso será descontado rudemente na nossa felicidade e no nosso direito a sermos felizes. É uma epoca tam temerosa, tam cheia de significação interior, de religiosos misterio, de tam ansiosa interrogação sobre o sentido da vida, q. eu creio q. todos temos de concorrer com uma parte de sacrificio, de agonía. Quantas vezes tenho tido grandes remorsos, estendido neste divan da varanda, e

**pensando no q. por esse mundo vai!... A guerra criou com efeito uma psicologia especial, e ha ocasiões em q. me sinto todo abalado interiormente, e ansioso de ansiedades até agora desconhecidas. [...]**

(Carta com carimbo de 19 de Agosto de 1916)

Depois de uma viagem que fez a Paris, em 1919, onde sentiu bem os efeitos da Guerra de 14-18, o regresso à casa serve então de refúgio, na sua calma natural face aos tumultos mundiais:

**[...] Com efeito após a agitação da Europa, das noticiadas sessões da "Paz" e das greves em Paris sabe-me bem este ignorado e remoto cantinho, tanto mais q. os ultimos dias de Paris, com calor e fadiga, e a viagem, me indispueram a saude. O momento actual, no mundo e sobretudo p<sup>a</sup>. nós, é tão grave q. mal imaginâmos a sua significação. E a esta impressão de ferido supremo q. ressinto aqui, junta-se a fantástica recordação da catedral de Reims, q. longo tempo me perseguirá como um enorme e inesquecível Cauchemar da Guerra. [...]**

(Carta datada de 26 de Junho de 1919)

Dez anos depois, numa fase de revivalismo franciscanista, em que faz uma viagem a Itália, tentando recriar os passos de S. Francisco de Assis e também do nosso popular Santo António, escolhe dois nomes elucidativos para si e para Leonor Rosa — frei Afonso dos Búzios e Soror Formiga da Sé, lamentando-se da sua pouca sabedoria para aceitar o sofrimento físico, ao contrário da sua velha amiga:

**[...] Como eu admiro (e envejo!) o Ânimo de quem sofre e sorri! / Admiro porq. não o possuo, envejo porq. o não tenho. [...]**

(Postal com carimbo de 24 de Julho de 1930)

Nascido para contemplar o Mar, vivendo grande parte na sua vida na esperança profunda de que as suas palavras, a sua Casa, se tornassem uma fusão com o Mar, ALV, fez de si próprio o arauto desse sonho, e aparece metamorfoseado em símbolo literário de uma época e de um momento — o de reconstrução, pelo e para o povo, de um Portugal do passado para o futuro. Assim devemos entender os comentários que faz sobre a sua própria indumentária, tão próxima do mar quanto a dos pescadores:

**[...] Este ano estou menos Kean, mas tenho um fato de pescador da Nazaré, feito na costureira q. p<sup>a</sup>. eles trabalha lá na praia. Camisa e calções de lã azul clara, com riscas de salmão. Muito bonito. — mais um motivo p<sup>a</sup>. lamentar q. não me vejam! [...]**

(Carta com carimbo de 26 de Junho de 1916)

Vinte anos depois, num postal de 25 de Agosto de 1938, é já um certo desalento que pode ler-se neste desabafo:

**[...] De frei Afonso dos Búzios nada para dizer q. valha a pena de ser lido. Dias pouco rendosos para a alma e bocejantes para o corpo. Trabalho quasi nulo. [...]**

Todo o tempo se cumpre e chega ao seu fim. Não sem que o apogeu vivido não tolde o céu de nuvens escuras. ALV cumpre os seus 60 anos, e grande parte dos seus projectos foram levados a bom termo. Mas, insatisfeito, como todas as grandes almas, sabe que a vida tem sempre dois modos de nos vencer — ou recusando os nossos desejos, ou cumprindo-os, como ele próprio gostava de repetir. Por isso aquele homem-poeta que se

intitulava a si próprio — escandaloso esteta — num poema que se encontra manuscrito no seu espólio [acetato nº5]:

*Escandaloso esteta!*  
**Tudo q. é belo me entenece,  
 tudo q. é feio adoece-me a mim.  
 Eu sou assim! Sim, mas parece  
 q. é escandaloso ser-se assim.A.**

(Quadra inédita, manuscrito, encontrada no espólio de ALV)

acabou a sua vida como a tinha começado, sem poder fugir à veia literária, à vertente estética que o acompanhou em todos os momentos da sua vida, a ponto de poder pensar-se doença, o que era uma maneira de ser e de estar no universo.

Por isso ALV não se lamenta de ter perseguido as quimeras de um sonho vasto, em que Portugal era o princípio e o fim de todas as buscas. Este soneto<sup>5</sup>, inédito também ele e manuscrito no seu espólio [acetato nº6], é bem isso que nos dá a ler:

**Parti um dia em demanda do Graal<sup>6</sup>  
 E busquei-o através da selva escura<sup>7</sup>;  
 Por êle ansiou minha alma e heróica e pura  
 Subiu nessa demanda espiritual.**

**Lilás exílio azul de Portugal,  
 Por ti morrendo fui na guerra dura;  
 Visão q. resplandece e as almas cura,  
 Quis encontrar, por ti, a Taça ideal.**

**Mas perdido não foi todo o meu sangue,  
 Nem a dor da peleja onde, caíndo,  
 Roto fiquei, desbaratado e exangue.**

**Mas perdidos não foram sonho e dor,  
 Que resplandecem neste Graal mais lindo  
 — Meu coração no seu perfeito Amor!**

**Agosto de 1921.**

(Soneto inédito, manuscrito, encontrado no espólio de ALV)

ALV não podia fugir a esse amor — e a sua escrita, a dor que também houve na sua escrita, é, metamorfose das metamorfoses, uma prova disso. O poeta, na sua varanda, esteve condenado a um "espírito literário" que sempre transborda sobre todos os poetas e paira no ar, como deixa entrever neste Diálogo inédito [acetato nº7]:

*As canções*  
**À tua porta chamâmos,  
 batemos, queremos entrar!  
 Abre depressa, q. esperâmos,  
 escreve, q. vamos ditar.**

*O poeta*  
**Deixai-me neste divan  
 tumbal, onde estou estendido  
 tal como ia ferido**

<sup>5</sup> Com algumas semelhanças com o poema "O Encoberto (Cavaleiro do Sonho)" in *Ilhas de Bruma* apud *Os versos de Afonso Lopes Vieira*, 1927, pp. 116-7.

<sup>6</sup> var. "Aqui se acaba a demanda do Graal"

<sup>7</sup> var. "Que busquei através da selva escura"

na sua barca Tristan.

*As canções*

Somos as novas baladas,  
as novas canções de amor;  
vimos do luar orvalhadas  
e palpitámos em flor.

**O poeta**

Mas respeitai o aqui jaz  
desta agonia secreta.  
De resto, ha aí tanto poeta!  
Um a mais, isso q. faz?

*As canções*

Cantámos as maravilhas  
do além, do longe, o Nevoeiro...  
E somos as redondilhas,  
princesas do Romanceiro.

**O poeta**

Sois lindas como uma infanta  
no seu jardim sobre o mar.  
Mas a minha alma não canta,  
e, doente, foi-se deitar.

*As canções*

Trazemos-te o Amadis,  
— êle volta a Portugal!  
mais os romances gentis,  
mais os milagres do Graal!

**O poeta**

Deixai-me, fazeis-me mal!  
Bem sei, ilusão cruel,  
q fui um homem de Muel  
a fazer de Parsifal!...

(Poema inédito, manuscrito a tinta roxa, do espólio de ALV)

Ilusão ou não, ALV foi um homem de Moel em busca do seu sonho, e hoje resta-nos ainda a Casa onde grande parte dos seus sonhos e do seu amor-saudade se fizeram literatura portuguesa. Por isso relembrar esta Casa é relembrar grande parte da nossa cultura, tal como uma geração a soube entender.

Deixar o "espírito literário" desta Casa voar, uma outra quimera por cumprir...

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

— Correspondência manuscrita, do espólio de Afonso Lopes Vieira da Biblioteca Municipal de Leiria:

\* 49 Postais de ALV para Augusto e Leonor de Castro Rosa [env. A: nº. 115];

\* 25 Cartas de ALV para Leonor de Castro Rosa [env. A: nº. 118];

\* Postais de Augusto Rosa a ALV [env. A: nº. 73];

\* Postais de ALV a Leonor de Castro Rosa [env. A: nº. 104].

— Apontamentos vários, com poemas inéditos de ALV, manuscritos, do espólio de ALV da BMLeiria.